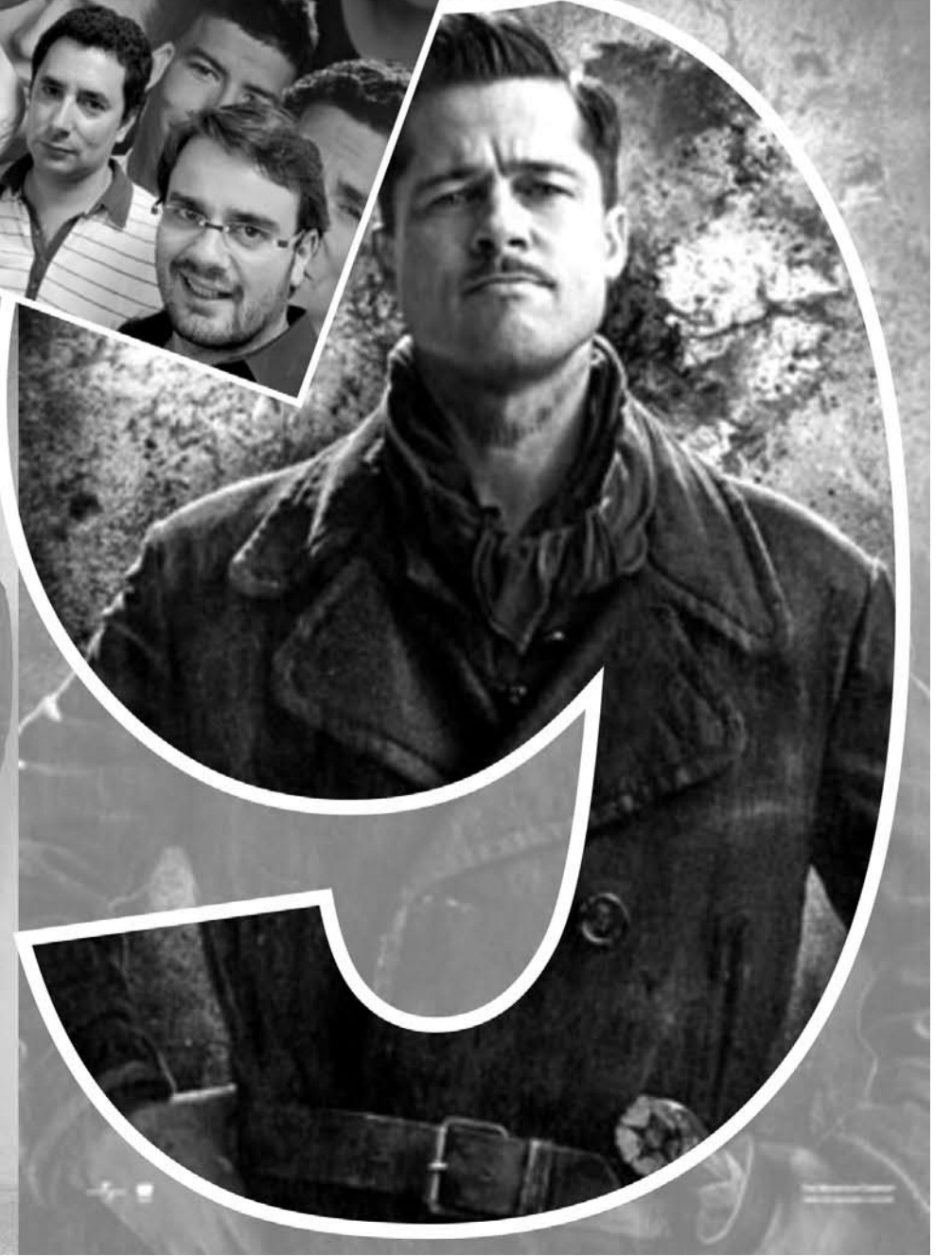
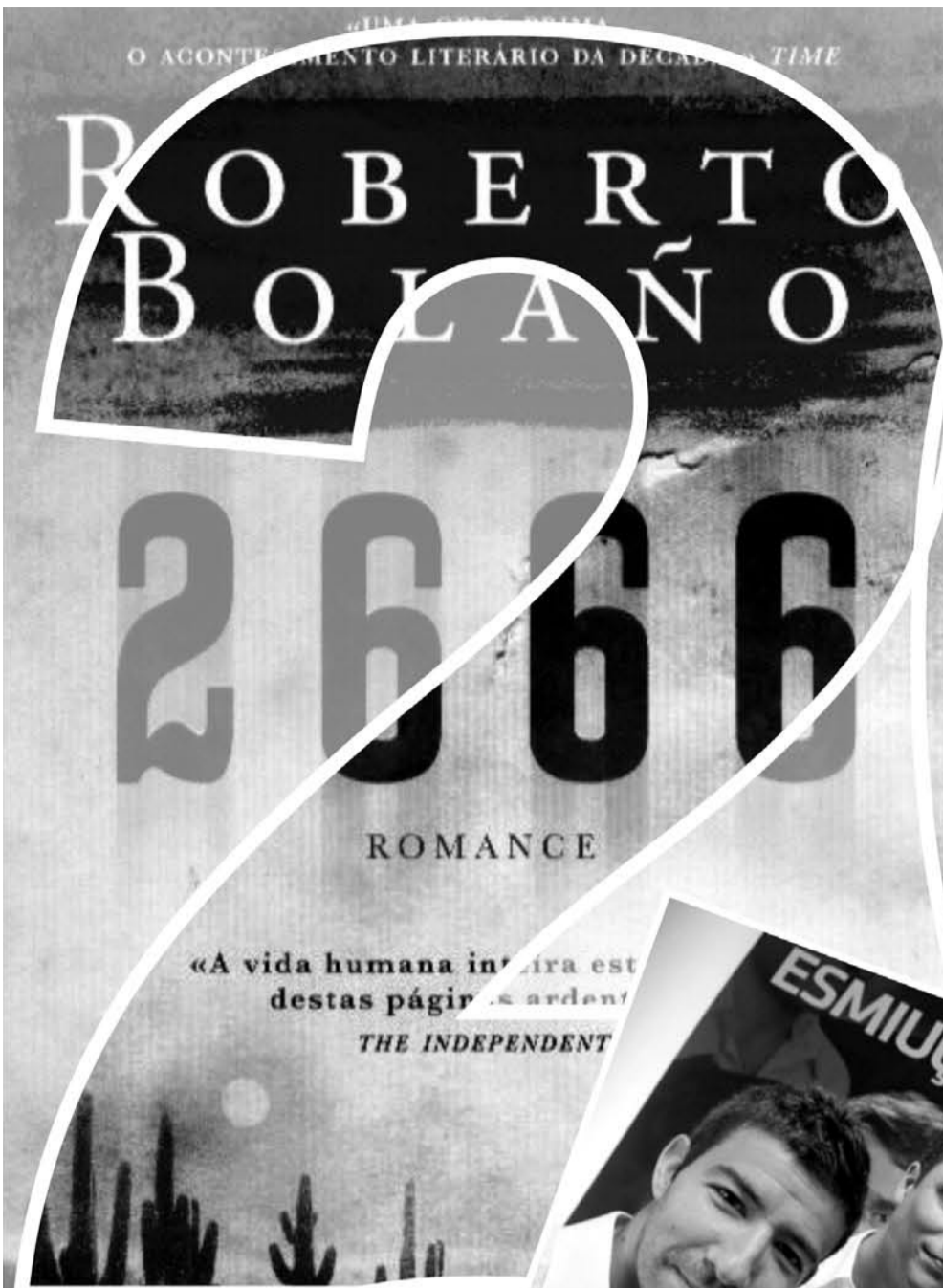


SS 21



O que sobra do "Nove's fora, nada"



21 Coisas
de 2009

MÚSICA

1- XX, o álbum dos The XX, foi o melhor do ano.

2- The Legendary Tiger Man fez o melhor disco em Portugal – chama-se *Femina*.

3- *The Eternal* (dos Sonic Youth), *Fever Ray* (de Fever Ray) e *Veckatimest* (dos Grizzly Bear) foram os outros discos de que mais gostei.

4- *Muda que Muda*, de João Coração, foi a canção portuguesa mais bonita do ano.

5- O eixo Flor Caveira / Amor Fúria saiu do armário e deixou de fazer discos "clandestinos". Foi o ano de estreia de Os Golpes, Diabos na Cruz e Samuel Úria e da grande exposição de João Coração e B Fachada.

6- Optimus Discos – 18 EP de músicos e projectos portugueses nas lojas e disponíveis para download; 6 EP editados apenas online. Desde os anos de ouro da NorteSul que a edição de música portuguesa não era soprada por ventos tão favoráveis.

7- As atrizes na música vieram para ficar. Scarlett Johansson bisou num álbum assinado a meias com Pete Dinklage; Charlotte Gainsbourg regressou acompanhada por Beck.

CINEMA

8- *Sacanas Sem Lei*, de Quentin Tarantino, é a obra-prima para o futuro. O sacana do Tarantino não dá um passo em falso (ok, quase não dá...)

9- *Watchmen*. A banda desenhada que lhe deu origem é a melhor de sempre? Então só podia originar a melhor adaptação de uma BD de sempre.

10- *Fome*, de Steve McQueen (estudou em Dezembro de 2008) é um filme fortíssimo, pelo tema (a luta do IRA no interior das prisões inglesas nos anos 80) e pelo estilo (que outro filme prescindiu tanto da palavra para, lá pelo meio, nos brindar com um diálogo de 16 minutos em câmara fixa?).

11- A animação continua a oferecer algum do melhor cinema contemporâneo, apesar dos responsáveis serem "os suspeitos do costume" – *Up/Altamente* saiu da oficina Pixar; *Coraline* foi realizada pelo multi-premiado Henry Selick, que adaptou um conto de Neil Gaiman.

LIVROS

12- *Aprender a rezar na Era da Técnica* fechou de forma perfeita a tetralogia *O Reino*, de Gonçalo M. Tavares.

13- *O Tigre Branco*, de Aravind Adiga, foi o livro que li com mais prazer.

14- *o remorso de baltazar serapião* permitiu-me perceber porque é que valter hugo mãe é uma das maiores esperanças da literatura portuguesa

15- *Li o 2666*. Não fiquei (muito) impressionado, mas vou colocar o feito no meu currículo.

SÉRIES

16- *Mad Men*, a série mais premiada dos últimos

anos, chegou à televisão portuguesa. E vale bem a pena ver.

17- *The Simpsons* completaram 20 anos. Agradeço a companhia, o humor corrosivo e o ajudar-nos a rir de nós próprios.

18- A segunda época de ouro das séries de televisão americana parece estar a chegar ao fim.

TENDÊNCIAS

19- Reescrever. Em *Sacanas Sem Lei*, Tarantino reescreveu a História. Em *Caim*, Saramago reescreveu os mitos.

20- Regravar. Esqueçam as versões "isoladas" que os músicos gostam de fazer de temas de outros músicos. Entrámos na era das versões de álbuns completos. Os Flaming Lips recriaram, na íntegra, o clássico *The Dark Side of the Moon*, dos Pink Floyd. Beck fez disto vida. Com alguns amigos (o Record Club) gravou e apresentou (a conta-gotas) versões integrais de *The Velvet Underground and Nico*, *The Songs of Leonard Cohen* e *Oar* (de Alexander Spence). Em 2010, promete continuar.

21- Remexer nos formatos. *O Gato Fedorento Esmiúça os Sufrágios* foi o programa do ano. Não tão bom como se diz (a parte das entrevistas ficava uns furos abaixo do resto) mas brilhante como novidade.

Artur Abreu



A CULTURA
CONTINUA

Pessoalmente, 2009 foi um ano com pouca disponibilidade para a cultura, mas prometo alterar esta situação em 2010. Aqui ficam alguns deleites do ano que passou.

UM LIVRO:

o nosso reino, de valter hugo mãe (2009, 2ª edição) – uma ficção contemporânea, escrita apenas com letras minúsculas, encantadora e bem à portuguesa. Um menino, lá para os lados de Trás-os-Montes, que é considerado santo, assiste a várias situações e vai-as relatando na sua terna e ingénua linguagem. Um livro que descreve lugares e sentimentos que se encontram enraizados na cultura portuguesa e que faz deste autor (talvez) um seguidor dos passos de vários escritores portugueses, mantendo a tradição e, ao mesmo tempo, criando uma história, num meio rural, que retrata o Bem e o Mal e a forma como estes se misturam e se confundem. Para terminar em 2010...

AS SÉRIES:

Anatomia de Grey foi uma série da FoxLife à qual me afeiçoei (talvez pela falta que senti de *Nip Tuck*). Segui-a com alguma regularidade e assisti a episódios que invocaram a realidade e simularam a crueldade da vida do ser humano. Além disso, continua a ser a saga da encruzilhada das relações afectivas.

Donas de Casa Desesperadas, série de uma sordidez atroz! E deliciosa! As famosas domésticas americanas escondem os maiores segredos dentro das suas casas bem asseadas. É ou-

tra saga, mas a encruzilhada passa pelo mais insólito estado de espírito, onde se mistura a afectividade e a emoção com a malícia e a maledicência.

UM FILME:

Uma Segunda Juventude, de Francis Ford Coppola. Um filme que esmiúça as origens da linguagem, tentando reencarnar as Eras mais primitivas da raça humana, ao mesmo tempo que dá a oportunidade de uma segunda (e não eterna) juventude, para que esse estudo seja feito. Digamos que nos mostra a dimensão da inteligência que um ser humano pode alcançar e a capacidade de investigação existente em séculos passados e que nos permitem aceder à intelectualidade, sem medo, mas com admiração!

Ana Sales



Astronomia
e outras coisas

Do ano que agora termina, há coisas que valem realmente a pena recordar, como o *Encontro da Sociedade Internacional do Rastreo Neonatal e da Sociedade Latino-Americana de Defeitos Congénitos do Metabolismo* que decorreu recentemente em Cancún, no México, ou ainda o Congresso Internacional *Melhorar o Acesso aos Medicamentos Órfãos para todas as Pessoas Afectadas pelas Doenças Raras na Europa: Avaliação da UE do Valor Acrescentado Clínico dos Medicamentos Órfãos*. No entanto, prefiro concentrar-me em coisas realmente importantes.

2009 foi o Ano Internacional da Astronomia, razão porque Cristiano Ronaldo (o 2.º melhor jogador de futebol do mundo) foi contratado para Madrid. Foi também por essa razão que Barack Hussein Obama foi contratado para brilhar no campeonato americano, tendo-lhe sido atribuído o troféu de campeão mundial logo no início do campeonato, para o inspirar (estratégia tão controversa que até hoje não se sabe bem se ele o aceitou ou não!). De qualquer forma, motivo de orgulho quase tão grande como o do 2.º melhor jogador do mundo ser português, é o facto do 1.º cão do mundo ser de origem portuguesa (quer dizer, as origens genéticas, porque o Cão D'Água Português praticamente não existe em Portugal e 90% dos animais são criados nos EUA – de qualquer forma as origens genéticas são NOS-SAS! VIVA PORTUGAL!).

Por ser o ano internacional da Astronomia, foi convocado para subir aos céus Wacko Jacko, célebre transformista mimético que consegue dessa forma ser o primeiro buraco negro-branco no universo, cuja força gravítica atrai ao seu redor todas as criancinhas (segundo consta) que existem no espaço sideral, que ao que parece não serão muitas, pelo menos enquanto Richard Branson não iniciar os voos regulares no seu novíssi-

mo avião espacial que, infelizmente para os fãs da literatura sci-fi, parece muito mais um avião do que uma verdadeira nave espacial.

2009 foi também o Ano Europeu da Criatividade e Inovação, e a esse respeito só me apetece dizer que o melhor disco do ano é *It's Blitz*, dos nova-iorquinos Yeah Yeah Yeahs, que não é nem criativo nem inovador, mas é o melhor do ano.

Venha lá 2011, que 2010 não está com boa cara.

Nuno Santos



Grandes filmes
de 2009

No ano de 2009 vi muitos filmes no cinema. Falo em cinema, na sala com o ecrã gigante e sem pipocas, nem minhas nem ao meu lado, de preferência. Claro que pelo meu DVD passaram também excelentes filmes (e outros não tão bons), mas o que quero aqui referir é a minha opinião sobre os três melhores filmes que vi este ano, numa sala de cinema. A selecção teria sido mais difícil se não estivessem ainda na minha mente, passados cerca de doze meses (pois estes filmes passaram nas salas nacionais logo no início do ano), os argumentos, os personagens e as imagens destes filmes. E o espantoso é que os três são tipicamente nascidos na/da indústria de Hollywood, que cada vez mais se tem questionado. Estiveram até presentes na "corrida" aos Óscares de 2009 (são os três do ano de 2008), embora em diferentes categorias.

O primeiro filme, e a ordem que sigo é a cronológica (de quando foram vistos) e não de preferência, é *The Curious Case of Benjamin Button* (*O Estranho Caso de Benjamin Button*). Realizado por David Fincher, com argumento baseado num conto de F. Scott Fitzgerald, contém as excelentes interpretações de actores como Brad Pitt, Cate Blanchett e Tilda Swinton, entre outros. Ganhou os óscares de melhor caracterização, melhor direcção artística e melhores efeitos especiais, apesar das diversas nomeações. Relata a história de Benjamin Button, um jovem que nasce de forma invulgar, com aparência de oitenta anos, e todas as maleitas associadas a essa idade, embora seja um bebé. Com o passar do tempo, Benjamin rejuvenesce, em vez de envelhecer. Quando ainda criança conhece Daisy, da mesma idade, por quem se apaixona, sendo necessário no entanto esperar que esta se torne uma mulher, e que Benjamin rejuvenesça, para que se possam envolver quando os seus corpos aparentarem a mesma idade. O filme fala-nos sobre encontros e desencontros, amores e desamores, viagens e aventuras, tristezas e alegrias, espera e desespero. Faz-nos pensar sobre aquilo que dura além do tempo. Enfim, uma obra-prima perfeita sobre a nossa condição como seres humanos.

Em segundo lugar, *Milk*. Realizado por



Gus Van Sant, conta com a participação memorável de Sean Penn (provavelmente o meu actor preferido da sua geração), tendo mesmo ganho o Óscar de melhor actor principal. São também excelentes as interpretações de Josh Brolin, James Franco e Diego Luna. O filme conta a história de Harvey Milk, político e activista gay e o primeiro homossexual assumido a ser eleito para um cargo político público nos Estados Unidos da América, no estado da Califórnia (como membro da Câmara de Supervisores de S. Francisco). A luta de Milk pelos direitos LGBT pode ser equiparada à luta por todos os direitos humanos e à luta pela própria liberdade. Como Harvey Milk, Sean Penn faz-nos acreditar (a sua interpretação é brilhante, volto a frisar) que é possível alterar o estado das coisas, seguir em frente, agindo consoante as nossas verdadeiras convicções, apesar das dificuldades que surgem. De uma grande sensibilidade e consciência, e apesar das grandes contrariedades, esta película tornou-me ainda mais crente num mundo melhor.

Por fim, *The Revolutionary Road*. Baseado num romance de Richard Yates e realizado por Sam Mendes, conta com as maravilhosas actuações de Kate Winslet, Leonardo Di Caprio e Michael Shannon. Passado nos anos 50, relata a história de um casal norte-americano, April e Frank Wheeler, com dois filhos e que vive aparentemente feliz. April é uma dona de casa que abandonou o sonho de ser actriz e Frank um empregado de escritório empenhado e bem remunerado, embora o seu emprego seja um tédio. Com o passar do tempo, os sonhos e desejos de ambos vão sendo deixados para trás, apesar das várias tentativas de mudança. O conformismo impõe-se e com ele o sufoco duma relação que vive de aparências e de vontades irrealizáveis. Sam Mendes coloca na vida dos dois, e perante a apreciação do espectador, um alerta incorporado num personagem que sofre de problemas psíquicos e que é o único a perceber o que se passa e que o casal não quer aceitar. O enredo intensifica-se e a caminhada continua rumo à derrocada final do par, que se deixou levar por uma sociedade que representa "o sonho americano", mas ao qual acaba por sucumbir. Um filme que nos fala sobre o perigo do comodismo e sobre a solidão, mesmo quando existem pessoas à nossa volta, e que envolve o espectador de uma forma muito intensa, por vezes até difícil. Apesar de várias nomeações, este filme acabou por injustamente não ganhar nenhum Óscar, embora tenha ganho outros prémios.

Por tudo isto e por tudo o que ficou por dizer, aconselho, a quem não o tenha feito, a ver e a reflectir acerca destas três obras da sétima arte.

Carina Correia



O melhor de um ano mau

O melhor da TV (e talvez do ano todo): *Gato Fedorento Esmiúça os Sufrágios*.

O jornal do ano: o I, apesar de mais reconhecido lá fora do que cá dentro (o "nosso" CBS online também merece uma referência, consagrou-se em 2009!).

O programa de rádio do ano: *Made in Por-*

tugal, na TSF (o *Pessoal e Transmissível* mantém-se como o espaço onde se escutam as melhores entrevistas da rádio nacional, com assinatura de Carlos Vaz Marques).

Evento musical do ano, cá dentro: Amália. Hoje.

Evento musical do ano, lá fora e cá dentro também: o renascimento de Michael Jackson no dia em que morreu.

O (meu) livro do ano: *A Sombra do Vento*, de Carlos Ruiz Zafón (o *2666*, de Bolaño, ainda estou a ler... e estarei...).

O filme do ano: *Sacanas Sem Lei*, de Tarantino (o grande Clint Eastwood que me perdoe!). O aniversário do ano: 20 Serralves 10.

O mais in da net: *twitter*.

A equipa do ano (e talvez de sempre): o «Barça» de Guardiola, Xavi, Iniesta, Messi e outros tantos.

O português do ano lá fora, no resto do planeta: Ronaldo.

A surpresa do fim de ano: a figura nacional 2009 eleita pelo Expresso – um empresário (!!!), Alexandre Soares dos Santos. Votam desde 1981 e nunca tinham escolhido nenhum... revelador!

A qualidade do ano: resiliência humana. O que (ou quem) 2009 não derrubou tornou-se mais forte para 2010.

Vitor Neves



Sons de 2009

No que ao S_21 diz respeito, começar 2010 tal como percorri 2009, ou seja, a correr e a escrever textos em cima da hora e do joelho, não é lá muito bom presságio. Enfim, eternos combates entre mim e o ego ou, simplesmente, pensar que uma pessoa se pode desdobrar em 100 dê lá por onde der. Siga 2010, e que seja um ano em cheio, para mim, para o S_21, para a OHS.21 e para todos os leitores deste prazenteiro suplemento cultural. Vamos lá então tentar falar de 2009 e das suas coisas boas, no que à música diz respeito, pelo menos.

2009 deu-me a conhecer a mais fantástica plataforma sonora que existe no fascinante mundo da Web. Chama-se SoundTransit e funciona exactamente como uma viagem, ou viagens, para ser mais exacto, pelos sons do mundo, literalmente falando, já que não se trata de nenhuma tipologia de música, antes gravações de campo em estado puro, de várias dezenas de países. Uma plataforma altamente recomendada. Em termos musicais, 2009 trouxe o agradável regresso dos irlandeses U2 com *No Line On The Horizon*; a Carina tinha razão quando nos falou do inaugural, homónimo e viciante *Fever Ray*; os Cats On Fire entraram cá em casa, instalaram-se no sofá e tocaram todos os temas de *Our Temperance Movement*, assim como o fizeram Dirty Projectors com *Bitte Orca* e os franceses Air com *Love 2*; os Om afirmaram que *God Is Good* e encheram-NO de psicadelismo; Ryuichi Sakamoto embalou-nos com o experimentalismo de *Out Of Noise*; Paulo Furtado, o Lendário Homem Tigre, veio tipo andrógino com *Femina*, uma pérola de blues recheada de outras tantas pérolas vozes femininas, com *Life Ain't Enough For You* a ser single nacional do ano. Depois e porque se

fala em nacional, em 2009 dançámos ao som d'Os Golpes, bebemos vinho com B Facha-da, João Coração e Samuel Úria e percebemos porque é que temos que estar atentos à Amor Fúria ou Flor Caveira; Norberto Lobo com *Pata Lenta*, e Tó Trips com *Guitarra 66*, fizeram-nos querer fazer um filme, ou dois, para a sua música instrumental/introspectiva/qualquer coisa de bom... sei lá, a música portuguesa, nova e fascinante, está como nunca esteve, boa, muito boa...

De 2009, ficam-me ainda dois aconteci-

mentos tristes: a morte do Megafone João Aguardela e do poeta oliveirense Manuel Cid Teles.

E claro, de Oliveira do Hospital para o mundo, e porque não tem nada a ver com música, apesar da "Gaivota", o facto político do ano: a vitória do PS nas Autárquicas 2009.

Bem que queria falar de livros e de filmes, mas já não tenho tempo nem espaço. Um bom, muito bom 2010 para todos.

Luís Antero

Pontos de Vista

3 PISTAS (Especial Futuro)

LETRAS

Ler com
as Borboletas

A ter em conta na próxima década.

Nos últimos anos, Portugal deu alguns passos verdadeiramente importantes na criação e sedimentação de hábitos de leitura e de aproximação à boa literatura – a rede de bibliotecas alargou; o Plano Nacional de Leitura tornou o acto da mesma fashion; a publicação de literatura infantil aproximou-se dos patamares internacionais.

No campo da Literatura para a Infância (que é o objecto deste texto) é unânime a identificação da chegada da editora galega Kalandraka a Portugal como o ponto-chave a partir do qual os critérios de publicação de obras infantis alteraram o seu paradigma. Na Literatura Infantil portuguesa há, claramente, um A.K. (antes da Kalandraka) e um D.K. (depois da Kalandraka). O paradigma de qualidade e a aposta da marca num formato pouco explorado (o do álbum) foi seguido por outras editoras e o mercado assistiu ao crescimento de jovens editoras (GATAfunho, Minutos de Leitura, Planeta Tangerina...) e à chegada de novas (a também galega OQO).

Quem se der ao trabalho de tomar atenção a estas coisas já terá verificado como têm vindo a aumentar os espaços dedicados aos livros para crianças nas grandes superfícies ou nas lojas especializadas.

O aumento da quantidade e qualidade literária (sublinho o "literária") tem enfermado, no entanto, de um *handicap* nada negligenciável, para se tornar verdadeiramente popular – o preço dos livros, evidentemente.

Há alguns meses, a Caminho anunciou a inauguração da coleção *Borboletas*, que assenta em duas premissas: todos os livros publicados são de autores consagrados e multi-premiados (Quentin Blake, Eillen Browne, Martin Waddell ou Helen Oxenbury); optou-se por edições em capa mole, o que reduz substancialmente o preço das obras. O resultado é a chegada ao mercado de livros de grande qualidade a preços irresistíveis – ainda recentemente era possível encontrar alguns deles ao preço 5 euros em feiras do livro. A opção, nova em Portugal, há muito que se pratica na maioria dos países europeus, e é um dos mais importantes passos já dados para a democratização da leitura no nosso país.

Artur Abreu

Coleção *Borboletas* (literatura infantil), Caminho, 2009O Futuro passa
pelos Flaming Lips

A ter em conta na próxima década estão os discos de versões ou, dito de outro modo, discos completos (re)interpretados por outros artistas. Abandonam-se assim as versões de temas semanais da música pop a incluir nos álbuns de originais e parte-se, sem vergonha e com muito talento, para a produção integral de um disco em registo de versão. Beck e companheiros, onde se incluem Devendra Banhart, Jamie Lidell ou Feist, por exemplo, levam a dianteira neste conceito, com os trabalhos presentes na ideologia Record Club, o encontro informal de vários músicos para juntos colocarem de pé, num único dia, um disco inteiro - *The Velvet Underground & Nico*, *Songs of Leonard Cohen* e o mais recente *OAR*, de Skip Spence. O futuro é risonho.

Os Flaming Lips, habituados a este tipo de andanças (basta ouvir o álbum de 2005, *LateNightTales*, exclusivamente composto por versões de gente tão diferente como Bjork, Miles Davis, Faust, Roxy Music, Love And Rockets ou Nick Drake, para se perceber porquê) jogam num patamar um pouco diferente. Pegaram no seminal *The Dark Side Of The Moon*, dos Pink Floyd, e com a ajuda de Henry Rollins e Peaches fizeram dele um disco seu. Seu porque detectamos de imediato a sua matriz musical nos temas retratados. Mas também podemos inverter a coisa e aí passamos a detectar a matriz floydiana desse disco de 1973 no último trabalho dos americanos. Contudo, este é um disco dos Flaming Lips e até admira que só agora é que apareça esta reinterpretação dum clássico intemporal. Podemos aventar que o futuro começa aqui, que é risonho e que passa pelos Flaming Lips.

E o que dizer deste *The Dark Side Of The Moon*? Que é o original? Não, claro que não! Que é bom? Sim, é muito bom! Que é melhor que o original? Os fans dos Flaming Lips decerto que concordarão, os dos Pink Floyd organizarão manifestações para afirmar o contrário. Uma coisa tenho por certa: se fosse vivo, Syd Barrett adoraria este trabalho discográfico. Como não é, também não estará a dar voltas de insatisfação na tumba, antes pelo contrário...

Senhores e senhoras, os Flaming Lips apresentam *The Dark Side Of The Moon*, o disco especial (ou será espacial?) do futuro!

Luís Antero

The Flaming Lips, *The Dark Side Of The Moon*, Warner Bros. Records, 2009

IMAGENS

Imagens
que tocam

A ter em conta na próxima década.

Foi anunciado como a *next big thing* da sétima arte, mas deixou algum amargo de boca à maioria dos que já o viram. A experiência sensorial, no entanto, é inolvidável. *Avatar*, o filme com que James Cameron regressou ao cinema de ficção, doze anos após *Titanic*, poderá tornar-se uma obra tão emblemática como o seu antecessor, se bem que por motivos diferentes – *Titanic* bateu recordes nas bilheteiras e nos óscares (este último ainda se mantém), *Avatar* será a primeira obra de uma nova era da ficção.

Nos últimos anos, os filmes com tecnologia 3D têm-se multiplicado nas salas de cinema, se bem que a maioria seja dirigida a nichos de mercado: o cinema infantil (se bem que, aqui, o "nicho" da animação acabe por abranger todo o público), onde hoje em dia mais de 50% das estreias já utilizam aquela tecnologia; ou o documentário musical (relembre-se *U2 3D*). Faltava que o conceito fosse adoptado por uma grande produção e um realizador que aponte às massas.

O amargo de boca de *Avatar* não está relacionado, obviamente, com a tecnologia. O 3D em relevo atinge um realismo nunca vivido pelos espectadores. Só que o aparato tecnológico, só por si, não é o garante de um bom filme, e para muitos o cinema será sempre a melhor forma de aceder a uma boa história. Se não houver um bom argumento... não há bom filme. É aqui que reside o problema da obra de James Cameron, que filmou uma história pouco envolvente e demasiado fantasiosa para conseguir interessar todos os espectadores.

Mas um passo importante foi dado e não restam dúvidas de que o formato se tornará cada vez mais recorrente. Até porque a sobrevivência da indústria cinematográfica poderá passar por aqui. Com a pirataria a conquistar um território cada vez maior, o assistir a um filme é, de forma crescente, um acto de carácter doméstico. A tecnologia 3D é, por enquanto, impossível de transportar para o ecrã de um televisor. Como tal, os filmes que a utilizem terão que ser vistos nas salas de cinema e o formato é visto como uma forma de as voltar a encher de espectadores. Resta saber quanto tempo demorará a tecnologia doméstica a replicar as condições das salas comerciais.

Raúl Pinto

Avatar, de James Cameron, 2009

BREVES CULTURAIS

SEMPRE ACTUAIS

Mão Morta são os primeiros portugueses no iPhone. O grupo liderado por Adolfo Luxúria Carníbal está a comemorar o seu 25.º aniversário e lançou uma aplicação gratuita na iTunes AppStore, que permite ao utilizador misturar sequências das faixas da banda. A aplicação tem botões que controlam as características do som, como volume e definições panorâmicas, e permite misturar som e loops das suas músicas. A disponibilização deste tipo de aplicações não é novidade no meio musical, mas era até agora inédita entre as bandas portuguesas.

Hot Club de Portugal à procura de instalações. O mais antigo clube de jazz português, fundado em 1948 por Luís Villas-Boas, viu o edifício onde se albergava arder, tendo ficado destruído pela acção conjunta do fogo e da água com que este foi apagado. A reutilização do espaço está completamente posta de lado, estando a direcção do clube a desenvolver

diversos contactos para tentar encontrar um espaço onde se possa instalar.

Canção ao Lado entre os melhores na World Music. O álbum de estreia dos Deolinda ficou em terceiro lugar na votação do jornal Sunday Times para os melhores do ano na área da World Music. A lista é encabeçada pelo projecto etíope Mulatu Astatke & the Heliocentrics, com o álbum *Inspiration/Information* e inclui ainda músicos e discos do Brasil (Céu, com *Vagarosa* – 4.º lugar), Cabo Verde (Lura, com *Eclipse* – 7.º lugar) e Angola (Bonga, com *Bairro* – 10.º lugar). O mesmo jornal, em 2008, tinha colocado *Terra*, de Mariza, no 9.º lugar da sua lista.

O Laço Branco dominou os Prémios Europeus de Cinema. O filme do austríaco Michael Haneke recebeu os prémios de melhor Filme, Realizador e Argumento, depois de já ter obtido a Palma de Ouro em Cannes, no passado mês de Maio. O realiza-

dor bisou na obtenção dos dois primeiros galardões, que já tinha conseguido em 2005, com *Nada a Esconder* (*Caché*). O prémio de Melhor Actriz foi para a britânica Kate Winslet pelo seu papel em *O Leitor*, de Stephen Daldry, trabalho que já lhe tinha valido o Óscar. A distinção para o melhor actor foi para o francês Tahar Rahim, pelo seu papel em *Um Profeta*, de Jacques Audiard. A actriz francesa Isabelle Huppert e o realizador britânico Ken Loach receberam prémios de carreira.

Bullock, Streep e Damon com duplas nomeações nos Globos de Ouro. Os prémios da Associação de Imprensa Estrangeira em Hollywood distinguem as actuações em comédia e em drama, pelo que as duplas presenças nas listas de nomeados nem são uma novidade, apesar de contribuírem para aumentar a expectativa em torno do resultado final. Este ano, Sandra Bullock pode ganhar dois prémios como actriz dramática (*A Proposta*, de Anne Fletcher) e de

comédia (*The Blind Side*, de John Lee Hancock). Matt Damon pode ser considerado o melhor actor principal em comédia (*O Delator*, de Steven Soderbergh) e o melhor secundário (*Invictus*, de Clint Eastwood). Já Meryl Streep não tem hipótese de vencer mais do que um Globo. A veterana actriz ocupa duas das cinco nomeações para melhor actriz de comédia e concorre consigo mesma com as suas actuações em *It's Complicated* (de Nancy Meyers) e em *Julie & Julia* (de Nora Ephron). *Up in the Air*, de Jason Reitman, é o filme mais nomeado, com seis indicações, duas das quais na categoria de melhor Actriz Secundária – Vera Farmiga e Anna Kendrick.

Maria João Seixas à frente da Cinemateca. A nova directora aceitou o convite que lhe foi endereçado pela Ministra da Cultura, Gabriela Canavilhas, e sucede a João Bénard da Costa, falecido em Maio passado. A direcção do Museu de Cinema vinha a ser desempenhada pelo sub-director,

Pedro Mexia, que se irá manter no cargo. Entre os principais desafios que se apresentam a Maria João Seixas estão a criação da Cinemateca do Porto, a dinamização da Cinemateca Júnior, em Lisboa, e o impulsionamento do processo relativo ao depósito e preservação de arquivos fílmicos da RTP.

Prémio Pessoa para D. Manuel Clemente. O bispo do Porto tornou-se na primeira personalidade da Igreja a vencer o galardão, no valor de 60 mil euros, promovido pelo jornal Expresso com o apoio da Caixa Geral de Depósitos. O prelado sucede ao arquitecto Carrilho da Graça e é o 24.º de uma lista que, desde 1987, já distinguiu nomes como Maria João Pires, António Damásio, Bénard da Costa ou Luís Miguel Cintra.

Museu do Oriente eleito o Melhor Museu Português. Aberto há um ano e meio, o museu foi agora distinguido pela Associação Portuguesa de Museologia, sucedendo ao Fluviário de Mora. Ao todo, a APOM atribuiu dez galardões entre os quais, pela primeira vez, o Prémio de Inovação e Criatividade, entregue ao Grupo para a Acessibilidade nos Museus.